

Representação Social do Amor: Uma Breve Exposição do Conceito

SOCIAL REPRESENTATION OF LOVE: A BRIEF EXPOSITION OF THE CONCEPT

Lidiane Ferreira Leite¹, Jaine de Santana Feitosa², Pamela Cristiane Gomes Ferreira³

¹Mestre no Programa de Pós-graduação Mestrado Acadêmico em Psicologia (MAPSI) – Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), ²Especialista em Clínica Psicanalítica, Especialista em Saúde Mental e Atenção Psicossocial, Mestranda no Programa de Pós-graduação Mestrado Acadêmico em Psicologia (MAPSI) – Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), ³Mestre no Programa de Pós-graduação Mestrado Acadêmico em Psicologia (MAPSI) – Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

RESUMO

Este artigo apresenta uma breve exposição do conceito de Amor. Utilizou-se como suporte, a Teoria das Representações Sociais, desenvolvida por Moscovici, a qual objetiva apreender os aspectos relacionados ao conhecimento produzido por determinados grupos sociais sobre os mais diversos fenômenos. Para tanto, foi empreendida uma revisão bibliográfica sobre a temática em questão.

Palavras-chave: Representação Social. Amor. Sexualidade.

ABSTRACT

This article presents a brief exposition of the concept of Love. It was used as support the Theory of Social Representations, developed by Moscovici, which aims to apprehend the aspects related to the knowledge produced by certain social groups on the most diverse phenomena. For that, a bibliographical review was undertaken on the subject.

Keywords: Social Representation. Love. Sexuality.

INTRODUÇÃO

De acordo com Jodelet (2001), as Representações Sociais constituem uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada pelos grupos, com um objetivo prático e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.

São entendidas como concepções e modelos representativos, compartilhados por determinado grupo social sobre um fenômeno, objeto ou fato qualquer. Tem como característica principal a explicação, conceituação dos mais abrangentes fenômenos possíveis.

Segundo Rangel (2007), as Representações Sociais são uma forma de conhecimento dos objetos pelos sujeitos, tornando-os familiares, menos estranhos, trazendo-os do exterior para o universo interior. De acordo com Moscovici (1976 *apud* SÁ, 1999),

precursor da Teoria das Representações Sociais, a Representação Social é uma modalidade de conhecimento particular, cuja função é elaborar comportamentos e promover a comunicação entre indivíduos. É a produção de conhecimento sobre determinado fato, acontecimento e/ou objeto.

Tal conhecimento é elaborado pelo senso comum, nas relações interpessoais, no cotidiano das pessoas que o compõe, que participam de uma sociedade. Desta forma, as Representações Sociais devem ser consideradas como verdadeiras teorias do senso comum, ciências coletivas, pelas quais se procede à interpretação e mesmo a construção das realidades sociais (MOSCOVICI, 1976 *apud* SÁ, 1999).

O saber produzido é compartilhado pelo grupo e pode tornar-se um sistema de

referência, ou seja, pode-se dizer que as representações sociais acabam por elaborar comportamentos, posto que, as pessoas agem e se comunicam de acordo com elas.

Ressalta-se que tais representações de objetos sociais se dão em um determinado tempo e espaço, ou seja, que podem mudar ao longo da história e em diferentes grupos sociais:

“As representações são essencialmente dinâmicas; são produtos de determinações tanto históricas como do aqui-e-agora e construções que têm uma função de orientação: conhecimentos sociais que situam o indivíduo no mundo e, situando-o, definem sua identidade social – o seu modo de ser particular, produto de seu ser social” (SPINK, et al., 1999, p.08).

O conceito de Amor, entendido enquanto Representação Social, adquiriu vários contornos ao longo dos tempos.

Historicamente, tem figurado no rol das grandes questões da humanidade. Elucidado por filósofos, grandes pensadores, cientistas e senso comum, este sentimento tem suscitado discussões em torno de seu conceito e particularidades.

De maneira mais ampla, o amor é considerado um sentimento que se manifesta na forma de desejo pelo outro: o outro enquanto objeto, uma pessoa ou um deus; e o amor no sentido restrito e corrente: atração recíproca dos sexos (MAISONNEUVE, 1966, p.75 apud FONTES; PAULA; NÓBREGA, 2005).

De acordo com Fromm (1966 apud Hernandez; Oliveira, 2003), pode-se distinguir dois tipos de amor - o verdadeiro amor e o falso amor. O primeiro é identificado como uma atividade, caracterizada por cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento do outro; e o falso amor, é baseado em submissão, passividade, dotado de contornos neuróticos.

A conceituação de falso amor empreendida

por Fromm pode ser comparada à definição de Amor apresentada por Malinowski (1929 apud GIDDENS, 1993), com caráter negativo e neurótico:

“o Amor é uma paixão (...), que atormenta a mente e o corpo em maior ou menor extensão; conduz muitos a um impasse, um escândalo ou uma tragédia; mas raramente, ilumina a vida e faz com que o coração se expanda e transborde de alegria” (p. 69).

Outra definição dicotômica do Amor é exposta por Hatfield (1988 apud Hernandez; Oliveira, 2003), que divide o amor em Amor Apaixonado e o Amor Companheiro. O primeiro é delineado como um estado de enorme desejo de união com outra pessoa; o segundo é caracterizado por um processo de aproximação entre os indivíduos na maneira de pensar, sentir e agir.

O Amor assume outros contornos enquanto forma particularizada de sentimento, se revela como desejo, quando uma pessoa busca a outra, para receber e dar prazeres ou satisfações, que podem ser de diferentes naturezas, tais como sexuais, de admiração, compreensão, proteção (DORON; PAROT, 1991 apud FONTES; PAULA; NÓBREGA, 2005).

Ainda de acordo com os autores, o Amor conduz um sujeito em direção a outro, uma função imanente constitutiva da vida psíquica, uma dinâmica norteadas por um objeto, mas não provocado por esse, já que o outro é a representação que o próprio sujeito ocasiona.

O amor encontra-se, antes de tudo, imbricado no seu objeto e não apenas ligado a ele: o objeto de amor não precede ao amor na sua existência, mas somente tem existência com e pelo amor (SIMMEL, 1988 apud FONTES; PAULA; NÓBREGA, 2005).

Contudo, a Representação Social do Amor com maior ênfase, parece ser aquela ancorada na concepção do Amor enquanto completude do ser, encontro do par ideal.

Surge na Europa Meridional nos séculos XI e XII e é incorporado pelo discurso social no final do século XVIII, inserindo “o eu e o outro em uma narrativa pessoal” (GIDDENS, 1993, p.50).

O outro, seja quem for, preenche um vazio que o indivíduo sequer necessariamente reconhece – até que a relação de amor seja iniciada. E este vazio tem diretamente a ver com a auto-identidade: em certo sentido, o indivíduo fragmentado torna-se inteiro (GIDDENS, 1993).

Caracteriza-se o Amor romântico pela crença em ideais românticos, com ênfase na importância do relacionamento, no quanto o parceiro é necessário na exclusividade do amor, estando à felicidade do indivíduo na dependência do relacionamento com o parceiro (CRITELLI; MYERS; LOOS, 1986 apud HERNANDEZ; OLIVEIRA, 2003).

O Amor passa a ser um constructo importante na manutenção dos relacionamentos afetivos, concretizando-se como pressuposto base de uma relação amorosa satisfatória, pois como afirma Giddens (1993), o amor romântico pressupõe a possibilidade de se estabelecer um vínculo emocional durável com o outro, tendo-se como base as qualidades intrínsecas desse próprio vínculo.

Diferentemente da Representação Social do Amor Romântico, o Amor Confluyente insere a sexualidade, a arte erótica como um elemento primordial na elucidação do conceito de amor: “o Amor Confluyente é um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias – para sempre e único – da idéia do amor romântico” (GIDDENS, 1993, p.72).

O Amor Confluyente está presente na realidade atual, como uma nova Representação Social de amor, pressupõe a

realização sexual. Não se limita somente a um parceiro sexual, nem que esse parceiro seja do sexo oposto, “o amor confluyente não é necessariamente monogâmico nem heterossexual” (ARAÚJO, 2002).

Conforme Araújo (2002), podemos salientar que o Amor na Modernidade envolve todo tipo de relação, heterossexual, bissexual, homossexual e como objetivo principal a plena satisfação sexual e esta é uma das buscas incessantes da sociedade moderna.

CONCLUSÃO

De acordo com o referencial teórico das Representações Sociais, é possível elucidar os contornos adquiridos pelo conceito de Amor ao longo dos anos. As diversas representações do objeto social em questão, concretizaram-se em determinado tempo e espaço e mudaram ao longo da história, conforme os diferentes contextos e grupos sociais.

A prevalência dos ideais do Amor Romântico, expressa no discurso social a partir dos séculos XI e XII, enfatiza a principal Representação Social do fenômeno, compartilhada pela sociedade durante um longo período de tempo.

As concepções acerca do Amor Romântico e a ampla aceitação dos princípios desta Representação Social de Amor, modificaram-se gradualmente, até incorporar a máxima da satisfação sexual ao ideal romântico. Portanto, as Representações Sociais do Amor, atualmente, privilegiam a sexualidade e a realização dos desejos sexuais por meio do par perfeito, idealizado.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. L. Amor, Casamento e Sexualidade: Velhas e Novas Configurações. **PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 70-77, fev. 2002.

FONTES, E. P. G; PAULA, F. M. S. M; NÓBREGA, S. M. Do amor e da dor: Representações Sociais sobre o Amor e o Sofrimento Psíquico. **Campinas**, v.22, n.1, p. 77-87, jan – mar. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/epc/v22n1/v22n1a09.pdf> > Acesso em 16 agosto. 2009.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades.** São Paulo: Ed UNESP, 1993.

HERNANDEZ, J. A. E; OLIVEIRA, I. M. Os Componentes do Amor e a Satisfação. **PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO**, Brasília, v. 23, n. 3, p. 58-69, mar. 2003.

JODELET, D. (Org). **Representações sociais: um domínio em expansão.** Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2001. p. 17-44.

RANGEL, M. Ensaio Sobre Aplicações Didáticas da Teoria de Representação Social. **O L HAR DE PROFESSOR**. Ponta Grossa, v. 10, n. 2, p. 1-22, fev. 2007. Disponível em:< <http://www.uepg.br/olhardeprofessor>> Acesso em 13 agosto. 2009.

SPINK, Mary Jane P. (Org.). **O conhecimento no cotidiano: As Representações Sociais na Perspectiva da Psicologia Social.** 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

Citar esse artigo: Leite LF, Feitosa JS, Ferreira PCG. Representação Social do Amor: Uma Breve Exposição do Conceito. *RevFIMCA* 2018;5(2):39-42.

Autor para Correspondência: Lidiane Ferreira Leite,
lidiane.f.leite@hotmail.com
Recebido em: 03 Agosto 2018
Aceito em: 03 Setembro 2018